

## **5 Resultados e discussão**

Os resultados e discussão deste estudo são apresentados em dois manuscritos científicos, os quais foram elaborados de acordo às normas dos periódicos selecionados. Abaixo segue o título do manuscrito, periódico que será submetido e link das instruções aos autores.

**Manuscrito 1:** Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Instrução aos autores: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/about/submissions>

**Manuscrito 2:** Expressões das masculinidades nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos

Revista de Enfermagem de São Paulo (USP)

Instrução aos autores: [https://revistas.usp.br/reeusp/pt\\_BR/information/authors](https://revistas.usp.br/reeusp/pt_BR/information/authors)

## 5.1 Manuscrito – Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

### Masculinidades em construção: influências socioculturais nos relacionamentos íntimos de jovens universitários

Sara de Jesus Santos<sup>I</sup>; Aline Vieira Simões<sup>II</sup>

#### RESUMO

**Objetivo:** identificar os fatores socioculturais que influenciam os comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos. **Método:** pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, fundamentada na narrativa de vida como referencial teórico-metodológico. Realizaram-se entrevistas individuais abertas com 15 jovens universitários dos cursos da saúde de uma universidade pública da Bahia, entre abril e julho de 2025, submetidas à análise interpretativa da perspectiva etnossociológica das narrativas de vida. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** as narrativas evidenciaram família, amigos, escola, religião, território, universidade, pressões sociais e mídias digitais como instâncias normativas que orientam expectativas de masculinidade nas relações afetivas. Os achados revelaram roteiros socialmente construídos, atravessados por normas culturais que influenciam comportamentos, afetos e experiências relacionais, conforme a perspectiva da Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon. **Conclusão:** os comportamentos dos estudantes universitários nos relacionamentos íntimos são influenciados por fatores socioculturais que orientam expectativas de masculinidade e experiências afetivas.

**Descritores:** Masculinidades; Jovens; Estudantes Universitários.

#### INTRODUÇÃO

A juventude constitui um fenômeno social complexo que transcende delimitações etárias, configurando-se como uma construção histórica e sociocultural atravessada por múltiplas formas de vivência. Trata-se de um período marcado por uma interseção de classe, etnia, território, valores religiosos e outros, que produzem trajetórias diversas e heterogêneas. Nesse cenário de cultura juvenil, as trajetórias individuais se articulam a estruturas sociais e se apresenta de modo transversal nas condutas<sup>1,2</sup>.

Para compreender essas dinâmicas, o gênero apresenta-se como uma categoria fundamental, ao ultrapassar as diferenças biológicas e organiza as relações sociais baseadas em hierarquias de poder, estruturando as expectativas e comportamentos atribuídos a homens e mulheres. Essa perspectiva é complementada pela compreensão que define o gênero não como um atributo fixo, mas como algo produzido e reiterado por meio de práticas cotidianas. Tal caráter instável evidencia que, embora as normas de gênero exerçam pressão sobre os indivíduos, elas são passíveis de transformação e resignificação<sup>3</sup>.

É sob essa lente que os estudos sobre masculinidades se consolidam como um campo de investigação, compreendendo-as não como uma essência fixa ou biológica, mas como construções socioculturais múltiplas e relacionais. Propõem-se que a masculinidade deve ser entendida como uma configuração de práticas estruturadas em torno das relações de gênero, manifestando-se em uma pluralidade de formas que coexistem e se tensionam no tecido social<sup>4</sup>.

No contexto universitário, os relacionamentos afetivo-sexuais são atravessados por processos de socialização, negociação identitária e expectativas normativas compartilhadas. As concepções sobre intimidade, compromisso e sexualidade entre jovens universitários são socialmente construídas e variam conforme contextos socioculturais e experiências pessoais<sup>5-6</sup>. Nesse espaço, os jovens podem reavaliar e expressar suas masculinidades de formas distintas de outros contextos sociais, mobilizando múltiplas formas de ser homem conforme as normas e culturas acadêmicas<sup>5</sup>.

Sob a ótica da Enfermagem, o estudo das subjetividades masculinas amplia a compreensão para além do biológico, ao reconhecer que as condutas dos homens são atravessadas por fatores socioculturais que exigem uma assistência integral. Assim, a produção do cuidado deve considerar as múltiplas formas de vivenciar o *ser homem*, incluindo vínculos socioafetivos, expressões da sexualidade e vulnerabilidades sobrepostas, favorecendo práticas equitativas e alinhadas às reais necessidades de saúde<sup>7-8</sup>.

Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar os fatores socioculturais que influenciam os comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria dos Roteiros Sexuais, formulada por Gagnon e Simon<sup>9</sup>, propõe que a sexualidade deve ser compreendida como uma construção sociocultural, e não apenas como expressão biológica ou psicológica. Nessa perspectiva, os comportamentos sexuais são organizados por normas, valores e significados compartilhados socialmente, que orientam expectativas e práticas em contextos específicos.

Os autores<sup>9</sup> estruturaram esses roteiros em três níveis inter-relacionados: cultural, interpessoal e intrapsíquico. Os roteiros culturais fornecem normas e modelos socialmente legitimados; os interpessoais organizam as interações concretas entre os sujeitos; e os intrapsíquicos dizem respeito às interpretações, fantasias e diálogos internos que orientam a ação individual.

Esses roteiros são dinâmicos, contextuais e passíveis de negociação, refletindo processos de socialização ao longo da vida. Assim, as condutas nos relacionamentos íntimos são moldadas por experiências, interações e cenários sociais, nos quais os indivíduos reinterpretem e ajustam normas coletivas às suas trajetórias pessoais<sup>9</sup>.

No contexto da juventude universitária, a teoria permite compreender como normas de gênero e expectativas socioculturais influenciam a construção das masculinidades e os comportamentos afetivo-sexuais. Ao evidenciar a pluralidade de experiências, os roteiros sexuais contribuem para analisar as dinâmicas relacionais, identidades e práticas que emergem nas interações íntimas.

## METODOLOGIA

Estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, fundamentado na perspectiva das narrativas de vida proposta por Daniel Bertaux<sup>10</sup>. Essa abordagem permitiu compreender as experiências e os significados atribuídos pelos jovens universitários aos seus comportamentos nos relacionamentos íntimos.

O cenário do estudo foi a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, localizada em um município do sudoeste baiano. Para seleção da amostra, adotaram-se como critérios de inclusão: jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 29 anos, regularmente matriculados em diferentes semestres dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Medicina e Fisioterapia. Como critério de exclusão, considerou-se a ausência de frequência acadêmica no período da coleta, mesmo que o discente estivesse formalmente matriculado.

Utilizou-se a *Snowball Technique* (técnica bola de neve) como estratégia para formação da amostra exclusivamente masculina, dada a predominância de mulheres nos cursos da saúde. A seleção dos cursos considerou a inserção da pesquisadora na área da saúde e o potencial desses espaços formativos para tensionar normas de gênero, especialmente em profissões historicamente associadas ao cuidado feminino. A amostra final foi definida por saturação das informações<sup>10</sup>.

As entrevistas foram realizadas entre abril e julho de 2025, em local privativo da instituição, gravadas em áudio, via *smatphone*, com duração média de 40 minutos. A questão norteadora da narrativa foi: *Conte-me sobre seus comportamentos nos relacionamentos íntimos*, conduzida por filtros temáticos. Os dados sociodemográficos foram coletados por meio de formulário estruturado, e registros em diário de campo complementaram as informações.

A análise dos dados ocorreu de maneira simultânea à coleta. As entrevistas foram transcritas integralmente e submetidas à leitura flutuante e à codificação temática, seguida de reagrupamento temático, a fim de eliminar duplicidades e agregar temas, culminando na etapa final de síntese. Os dados sociodemográficos subsidiaram a caracterização dos participantes.

A interpretação das narrativas foi orientada pela perspectiva etnossociológica de Daniel Bertaux<sup>10</sup>, considerando os contextos socioculturais, interacionais e subjetivos que atravessam os comportamentos nos relacionamentos íntimos, em diálogo com a Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon<sup>9</sup>.

Na etapa de síntese, as unidades foram agrupadas e organizaram a categoria analítica central *Normas, interações e dimensões subjetivas dos comportamentos de jovens universitários nos relacionamentos íntimos* e três subcategorias interpretativas: Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos; Interações dos jovens universitários nas relações afetiva-íntimas; e Dimensões subjetivas sobre si, masculinidades e relações íntimas.

A pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos pelas resoluções vigentes para pesquisas com seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer consubstanciado nº 7.434.335 e CAAE 86663325.0.0000.0055. Os dados foram coletados após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados pela sigla P, acompanhada de sequência numérica conforme a ordem das entrevistas (P1, P2, P3 [...]). O estudo foi conduzido conforme os critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente estudo, oriundos da dissertação de mestrado *Expressões das masculinidades nos comportamentos de jovens universitários em seus relacionamentos íntimos*, correspondem a um recorte analítico da primeira subcategoria, intitulada *Normas socioculturais que orientam os comportamentos nos relacionamentos íntimos*, orientada pela Teoria dos Roteiros Sexuais de Gagnon e Simon<sup>9</sup>.

Embora essa teoria compreenda três dimensões interligadas, a saber: o roteiro cultural, interpessoal e intrapsíquica<sup>9</sup>, este estudo destaca apenas a dimensão dos roteiros culturais, por terem se sobressaído de forma predominante nas narrativas. Tal ênfase permite compreender como normas e expectativas socioculturais moldam as condutas afetivo-sexuais dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos.

### Caracterização dos participantes

Participaram do estudo 15 jovens com idades entre 19 e 29 anos, sendo a média de idade de 24 anos. A amostra constituída de três estudantes dos respectivos cursos Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Medicina, com distribuição entre os semestres iniciais e finais.

Quanto à autodeclaração de cor, seis se identificaram como pretos, cinco como pardos e quatro como brancos. Em relação à religião, sete se declararam cristãos, cinco católicos e três não possuem religião. Oito participantes se identificaram como heterossexuais, cinco como homossexuais e dois como bissexuais. A maioria está solteiro, com exceção de um, que vive em união estável há 5 meses. Entre os solteiros, cinco mantêm relacionamentos amorosos estáveis (com duração de quatro meses a dois anos), dois estavam ficando e sete não possuíam vínculos afetivos no momento da entrevista.

A análise do diário de campo possibilitou evidenciar que, apesar de iniciarem a entrevista com diferentes níveis de timidez ou segurança, a maioria dos jovens demonstrou crescente conforto para relatar suas experiências. Muitos mencionaram nunca ter compartilhado alguns episódios ou sentimentos antes, descrevendo a entrevista como um espaço acolhedor para refletir sobre si e revisitar vivências pessoais. De modo geral, mostraram-se cooperativos, envolvidos e abertos à narrativa.

### Normas socioculturais que orientam os comportamentos nas relações afetivas-intimas

O roteiro cultural corresponde ao conjunto de normas, valores e expectativas compartilhadas socialmente, que orientam a forma como indivíduos compreendem e desempenham seus papéis nas interações<sup>9</sup>. Nas narrativas de vida dos jovens universitários foi possível identificar múltiplas influências socioculturais que moldam e direcionam comportamentos nos relacionamentos, revelando a centralidade das experiências familiares, seguido das influências sociais mediante às pressões. Não obstante, as normas religiosas, midiáticas e culturais, também se mostraram presentes nesse processo.

Os participantes relataram diferentes configurações familiares, especialmente no que se refere à presença ou ausência da figura paterna. Entre aqueles que vivenciaram fragilização ou ausência do pai, os principais referenciais de socialização foram mães, avós, tios, padrastos e outros homens da família, configurando trajetórias marcadas tanto pela valorização de modelos alternativos quanto pela rejeição de comportamentos paternos considerados negativos.

*Desde a infância eu nunca tive um referencial masculino muito forte, o que eu sei sobre ser homem veio da minha mãe, de negar certos comportamentos que meu pai tinha para comigo e com ela. (P 3)*

*Meu pai não me criou, abandonou a minha mãe grávida, então eu me baseio mais em não ser como ele. O que aprendi foi com quem eu considero importante, no caso meu tio, meu padrasto, meus avós, eles sempre me ajudaram muito. (P 5)*

*Eu tive muita influência de minha família, principalmente de minha mãe, de minha avó e de alguns primos. Mesmo que meu pai estivesse de certa forma presente em minha vida, ele nunca foi presente, a questão de ensinar a ser homem, faltou na minha educação com meu pai. (P 15)*

A ausência paterna revela uma normatização da estrutura do abandono que, longe de ser um fenômeno moderno, constitui uma realidade histórica invisibilizada que se manifesta precocemente na gestação e é replicada sistematicamente por gerações<sup>11</sup>. Esse cenário, sustentado por modelos patriarcais que eximem o homem da responsabilidade afetiva, sobrecarrega milhões de mulheres e compromete o desenvolvimento emocional e os padrões de apego dos jovens<sup>12</sup>. Diante da fragilização desses referenciais, a presença de múltiplas figuras de apoio torna-se essenciais para a construção de trajetórias identitárias adaptativas e a ressignificação dos vínculos na vida adulta<sup>13-15</sup>.

Os relatos também apontam diferenciações na transmissão de valores de gênero no interior da família. Enquanto figuras maternas foram associadas a valores de cuidado, respeito e expressão emocional, os homens da família foram frequentemente vinculados à legitimação de expectativas relacionadas à virilidade, força e desempenho sexual.

*Com meu pai, aprendi a ser cachorro [risos], me incentivava ser pegador, até meus tios, a pegar várias mulheres, se desapegar, ao passo que com minha mãe, minhas tias, amigas, aprendi o contrário, ficar mais de boa, não bagunçar com as meninas, a se expressar, não ser cachorro. (P 2)*

*Sempre a família me influenciando a respeitar, ser um parceiro fiel, em relação à quando ser solteiro, podendo ter liberdade, ser homem que pega várias mulheres. (P 9)*

*Desde pequeno, a minha família, como todas as famílias raízes, trazia mais o costume em que a gente já precisava ter a masculinidade firme e não poderia mostrar fraqueza. (P 13)*

Os relatos evidenciam o uso de figuras metafóricas como o *cachorro* e o *pegador* para legitimar o desapego e o desempenho sexual como provas de virilidade. Esse mecanismo alicerça-se em modelos hegemônicos onde a paternidade atua como modelo de gênero, definindo como o jovem irá demonstrar seus comportamentos<sup>14,16</sup>. Tais prescrições, ao associarem o *ser masculino* à força e ao autocontrole, são internalizadas desde a infância e tensionam a expressão afetiva, produzindo conflitos entre os diferentes referenciais de masculinidade propostos no ambiente familiar<sup>14, 17-19</sup>.

Em ambientes familiares conservadores, jovens que não se enquadram nos padrões heterossexuais ou nas normas tradicionais de masculinidade enfrentam maiores restrições na expressão identitária. As falas evidenciam pressões para cumprir expectativas de provisão, heterossexualidade e liderança masculina, além de vigilância sobre comportamentos considerados desviantes.

*Eu venho de um lugar quando a gente faz 18 anos, nós homens precisamos ser provedores, ter as nossas responsabilidades. E eu fico meio frustrado porque eu sou um homem gay, então como é que um homem gay sai de uma família conservadora, onde aprende que ele precisa procriar, construir uma família com uma mulher, então isso impacta nas minhas relações. (P 11)*

*Ser parecido com eles em relação a comportamento, o homem ser o cabeça da casa, a mulher auxiliadora. Pelo menos eu nunca tive essa questão de que homem não chora, do homem ser durão, mas em relação ao comportamento: não dança muito assim porque senão vai desmunhecar, não pode brincar com outras coisas, não pode fazer certas coisas. (P 8)*

*Tento ao máximo não seguir a masculinidade que me foi apresentada no meu contexto familiar, porque pra mim são masculinidades de pessoas com comportamentos ruins, quanto mais eu conseguir criar um conceito novo de masculinidade pra mim, melhor vai ser. (P 7)*

Estudos indicam que a heterossexualidade é imposta como o modelo legítimo de masculinidade, tornando a vivência homossexual uma subversão estressora das lógicas sociais e psicológicas tradicionais<sup>14,20</sup>. Em contextos conservadores, transgredir essas normas resulta em estigmatização e vinculação a masculinidades marginalizadas, expondo o jovem a violências simbólicas<sup>21</sup>. Esse cenário de exclusões e hierarquias força o sujeito a negociar sua identidade diante de uma cultura que correlaciona obrigatoriamente virilidade e heteronormatividade<sup>22-24</sup>.

As influências geracionais estão presentes no processo de aprendizagem dos papéis de gênero e são transmitidas expectativas sobre comportamentos masculinos e femininos. Mesmo na ausência de proibições explícitas, persistem normas que associam ao homem a autoridade e a provisão, e à mulher o cuidado e as tarefas domésticas. Esses referenciais familiares influenciam a forma como os jovens compreendem, reproduzem ou questionam tais papéis em seus relacionamentos íntimos.

*Os homens da minha família querem passar uma visão de que a mulher tem que fazer as coisas, o homem não precisa, homem só precisa trabalhar e a mulher ficar em casa não vejo dessa forma, esses papéis do gênero. (P 13)*

*Na minha família geralmente a mulher que faz aquelas tarefas mais domésticas, seguindo aquela questão mais cultural, mas acredito que hoje em dia isso mudou. (P 9)*

As cobranças advindas da família configuram fatores importantes na construção da identidade masculina, especialmente no que se refere ao cumprimento de expectativas sociais e ao desempenho de papéis tradicionalmente atribuídos aos homens<sup>23</sup>. A constituição do masculino ocorre, em grande parte, em espaços de socialização entre homens, nos quais se reforça a dissociação do feminino e se reproduzem hierarquias de gênero, inseridas em um regime heteropatriarcal que naturaliza a heterossexualidade e a desigualdade entre homens e mulheres. Tais experiências contribuem para tensões internas e impulsionam processos de ressignificação dos papéis de gênero, frente às exigências normativas de virilidade e controle emocional<sup>24-25</sup>.

Embora a família seja o primeiro vínculo social e as relações interpessoais se estabelecem em segundo pilar, exercendo influência marcante sobre os comportamentos, os jovens também são moldados por padrões e normas sociais mais amplos, que estabelecem expectativas sobre como os homens devem se comportar, sentir e se relacionar. Essas pressões, presentes desde a infância, definem atitudes consideradas apropriadas socialmente, fundamentando-

se em papéis de gênero socialmente construídos e influenciando diretamente os comportamentos dos jovens em seus relacionamentos.

*Essa pressão com as mulheres é bem mais fácil de presenciar, agora com os homens é bem mais velado. O homem não pode sentir, o homem não pode ter um problema, se tem um problema e vai conversar com alguém sobre, muitas vezes é estigmatizado. (P 3)*

*O homem é muito cobrado nesse quesito de força, ser másculo, maduro o tempo inteiro, não pode mostrar fragilidade, tem que mostrar força o tempo inteiro, você não pode ser visto chorando. (P 14)*

*Tem gente que fala que o homem sofre mais. Besteira! Acho que todo mundo tem a própria realidade e que a condição que a pessoa vive, independente de gênero, mas de acordo com o próprio contexto socioeconômico, cultural, eu acho que isso é mais da pessoa do que de gênero. (P 5)*

Essas normas limitam a expressão emocional, reforçam estereótipos de masculinidade e podem gerar insegurança e medo de julgamento, influenciando diretamente as atitudes e decisões dos jovens em contextos afetivos. Os padrões sociais rígidos sobre como os homens devem se comportar atuam como determinantes na construção da sua identidade, estabelecendo expectativas desde a infância, como demonstrar força, autocontrole e heterossexualidade. Além disso, a pressão para se enquadrar em padrões de grupo leva os jovens a adotarem comportamentos que nem sempre correspondem às suas vontades<sup>6,19</sup>.

Os relatos a seguir emergem de jovens oriundos de diferentes cidades do interior, os quais se deslocaram de seus territórios de origem para cursar o ensino superior. Essa condição de migração acadêmica revela que, embora provenientes de localidades distintas, as vivências são marcadas por um pano de fundo comum: o conservadorismo de cidades pequenas que operam como espaços de vigilância. Nesses contextos de origem, o controle social é intensificado pela proximidade das relações, onde a manutenção de normas patriarcais dita as possibilidades de expressão da identidade.

*Eu moro em um interior. Por ser um lugar pequeno, isso acaba influenciando na cabeça dos nossos pais sobre ter filho homossexual, isso pode gerar conversa, isso pode gerar piadinha. Quando eu comecei a jogar vôlei houve muitos boatos na minha cidade, a que vôlei só pra gay, eu quis mudar de cidade, porque eu não queria passar por isso. (P 6)*

*Eu venho de uma cidade pequena com cerca de 30.000 habitantes, que tem muito aquela questão conservadora, então foi ensinado sobre o homem culturalmente tradicional. Em cidade pequena, sempre tem aquela brincadeira, a viado, não sei o que. (P 9)*

*De onde eu venho, homens gays não merecem respeito ou não é levado a sério. Minha cidade, por ser pequena, minha família conservadora, eu não podia me relacionar com pessoas de lá. (P 11)*

Compreende-se, assim, que as masculinidades são atravessadas por fatores como território, em que o conservadorismo local atua na produção e naturalização de normas de gênero, influenciando vivências afetivo-sexuais<sup>6</sup>. Em sociedades marcadas pelo patriarcado, a socialização desde a infância favorece a internalização de expectativas normativas de masculinidade e mecanismos de controle social<sup>19</sup>. Nesse contexto, o fortalecimento de discursos conservadores no Brasil reforça padrões heteronormativos e tradicionais de gênero, especialmente em cidades pequenas, onde relações de proximidade intensificam práticas de vigilância, julgamento e silenciamento de experiências dissidentes<sup>20-21</sup>.

Além das pressões sociais gerais sobre os homens, existe um recorte específico relacionado às questões de gênero, até dentro da própria comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais e outras designações (LGBTQI+). Alguns participantes se referem a esse fenômeno como a *caixa de homem gay* ou a *sociedade gay*, que estabelece normas e expectativas próprias, exercendo pressões adicionais sobre comportamentos, atitudes e formas de se relacionar.

*As pessoas vão me moldando pra pertencer a caixa de homem gay. Tem coisas que esperam de você, queria eu fosse de um jeito: "você é um gay todo errado, não sabe maquiar, você se veste mal, não sabe pranchar cabelo". Essas caixas são estereótipos que querem que a gente adquira. (P 7)*

*A sociedade gay é bem machista, tem muito estereótipo do homem masculino. Isso, querendo ou não, me mudou também. Por exemplo, vou evitar gemer fino, vou evitar qualquer coisa que seja feminina, porque vai que essa pessoa perca a libido. Tem uma pressão de ser masculino. (P 12)*

As atitudes em relação à orientação sexual são socialmente construídas e influenciadas por diferentes normas especialmente em contextos patriarcais que tendem a normatizar expressões de gênero e sexualidade. A não conformidade a esses padrões pode gerar estigmatização, discriminação e pressões para adequação comportamental<sup>26</sup>, inclusive dentro da própria comunidade LGBTQI+. Esses contextos contribuem para a internalização de expectativas normativas de masculinidade, produzindo conflitos identitários e afetivos<sup>26-27</sup>.

O ambiente escolar emergiu nas narrativas como um possível espaço de controle dos comportamentos masculinos. Desde a infância e adolescência, interações entre colegas e, por vezes, entre educadores, reproduzem discursos sutis ou explícitos que regulam gestos, expressões e atitudes consideradas adequadas ao ideal masculino. O que impacta a construção identitária e a forma como os jovens passam a se posicionar afetiva e socialmente.

*Sempre tem aquela brincadeira na escola: Ah, viado, não sei o que. Então, eu acho que essas brincadeiras na escola acabam influenciando, e isso é uma coisa ruim, e você tem que seguir esse padrão de homem pegador, homem que pega várias mulheres. (P 10)*

*Eu comecei a estudar em um colégio extremamente rígido, meus trejeitos pegavam muito. É tanto que eu cheguei a sofrer homofobia lá e quando fui atrás de autoridades, falaram que eu não me dava o respeito. (P 8)*

*Quando eu era criança por exemplo, a gente vê muitos comentários, até entre professores mesmo, coisas de machismo, homofóbicos mesmo, sutis, mas homofóbicos. Isso, querendo ou não, gera pressão sobre um comportamento que a gente tem que ter adequado no contexto social. (P 13)*

Estudos indicam que práticas cotidianas, como brincadeiras e comentários, atuam como mecanismos de vigilância que naturalizam a heteronormatividade e orientam o desempenho masculino<sup>28-30</sup>. Nesse cenário, a escola torna-se um espaço onde múltiplas referências de masculinidade interagem de forma performativa, mas sob a persistente ideia de uma masculinidade tida como normal. Essa visão impõe processos de normalização que sujeitam aqueles que não seguem os padrões normativos a violências físicas e simbólicas, forçando estudantes a adaptarem suas expressões e repetirem atos de afirmação viril para assegurar o pertencimento ao grupo e evitar a exclusão<sup>22</sup>.

As amizades no contexto social configuram-se como importantes instâncias de influência na construção dos comportamentos masculinos. As interações estabelecidas, sobretudo durante a adolescência e a juventude, favorecem a reprodução de expectativas associadas à performance masculina, como a valorização da virilidade, da experiência sexual e da validação pelos pares. Esses espaços de sociabilidade exercem o reconhecimento e cobrança, ainda que nem todos os jovens incorporem tais padrões de forma homogênea em suas trajetórias pessoais.

*No sentido de amizade, a questão do comportamento masculino, principalmente na adolescência e juventude, é de jogar bola com os meninos e interagir para conquistar as meninas, você ser o melhor da turma, agradá-las. (P 1)*

*Meus amigos começaram a beijar muito cedo, perderam a virgindade muito cedo, eles meio que botam a pressão: Pô véi, tu já tá nessa idade aí não conseguiu ainda. (P 2)*

*Muitas amizades que eu já tive, induziu a ter comportamentos que considero machistas. Embora eu não tenha aderido a essas práticas, já tinha visto pessoas do ciclo próximo exercendo práticas que a sociedade impõe, abusivas, não só em relação à parte física, mas também verbal e psicológica. (P 11)*

Nota-se que os grupos de amizade mediam a reprodução de expectativas associadas à masculinidade, especialmente no desempenho sexual e na validação entre pares. A pressão para iniciar a vida sexual e relatar conquistas íntimas funciona como marcador de pertencimento social, levando jovens a adotarem práticas que nem sempre condizem com seus valores pessoais. Essas normas hegemônicas podem incentivar comportamentos sexuais de risco e expor relações de poder entre os próprios homens, reforçando a necessidade de adequação aos padrões dominantes<sup>5,18</sup>.

Ademais, dentre os outros diferentes contextos externos que moldam os comportamentos masculinos, destaca-se a presença dos ensinamentos religiosos sejam de lares protestantes ou católicos, que por vezes funcionam como referências conservadoras que orientam e/ou restringem.

*Eu cresci na igreja e fui ensinado que o sexo só depois do casamento, isso foi um baque muito grande pra mim quando ocorreu a primeira vez, porque eu fiquei nessa briga dentro de mim mesmo. (P 4)*

*A igreja mesmo tem seus princípios que homem tem que se relacionar com mulher. Eu, sendo um homem hétero, entendi desde novo como é que tinha que ter essa construção. (P 13)*

*Minhas referências de homem vêm de São José: ele é trabalhador, um homem voltado aos valores, a Deus. Como eu não tive muito exemplo, então acabei me apegando a essa figura religiosa. (P 14)*

No caso dos participantes homossexuais, a vivência religiosa mostrou-se ainda mais conflituosa devido a condição de ser considerado pecador por parte das tradições cristãs, resultando em sentimentos de repressão e exclusão. Essa imposição moral não apenas tensionou suas relações familiares e sociais, como também trouxe impactos significativos para a saúde mental.

*Dentro de um contexto de religião, ouvi sim algumas reclamações, que a religião condena. Eu ouvi várias vezes falar: Um homem com outro homem não pode, a Bíblia condena. (P 1)*

*Eu tinha aprendido na igreja evangélica que era pecado, que iria arder no fogo do inferno. Me causava muita estranheza, ficar ali no superficial das minhas relações. (P 7)*

*Tentava me calar, tentava pedir pra Deus me curar, pedia pra Deus me salvar, tirar isso da minha cabeça, que isso erra errado, [...] eu ainda tava na igreja sendo líder das coisas, comecei a ter muita ansiedade, muita ansiedade, aquele peso nas costas. (P 8)*

Estudos apontam que a religião exerce forte influência sobre as decisões afetivo-sexuais dos jovens, orientando o início das experiências sexuais e a manutenção de preceitos como a castidade<sup>31</sup>. Essa base fundamentalista favorece o padrão heteronormativo e estigmatiza minorias ao regular comportamentos por valores morais, tais interpretações religiosas são frequentemente manipuladas para validar a desigualdade e controle de gênero, legitimando condutas abusivas sob o pretexto da obediência e consolidando uma cultura de silêncio e impunidade<sup>32</sup>.

Além da religião, os jovens também internalizam padrões presentes nas mídias e redes sociais, que funcionam como referências cotidianas. Essas influências, de forma explícita ou implícita, moldam percepções, orientam escolhas e delimitam modos de agir e expressar-se nas relações, incorporando normas e valores observados em seu entorno.

*A rede social sempre influencia, no quesito de você tentar se mostrar um pouco mais superior no relacionamento, você mandar, em relação de você sempre estar à frente da mulher. Infelizmente, a mídia social sempre influencia nesse sentido. (P 10)*

*Quando era jovem não tinha referência de gay na mídia, na TV, em revista, em qualquer lugar era coisa errada. O que eu via de ser homem, de relacionamento, tinha a ver com ser hétero, ser masculino, não ser afetivo, o homem que gosta de futebol, essas coisas bem banais da masculinidade que tinha de referência, não tinham nada de positivo. (P 12)*

*Eu sempre tive como referência Homem-Aranha, a forma que ele lida com alguns problemas da juventude, sexualidade, influência com drogas, com bebida e até de espiritualidade. Essa visão de como se portar, se cuidar, as relações dele, tanto amorosas quanto de questão de estudo, me influencia muito. (P 15)*

A mídia contemporânea atua como um poder que não apenas demonstra a realidade, mas a produz, validando discursos heteronormativos enquanto silencia manifestações alternativas de sexualidade. Esse repertório molda a percepção de si e estrutura a sociedade ao impor modelos de masculinidade que orientam as escolhas e os comportamentos nas relações afetivas<sup>33</sup>. Tal impacto na compreensão humana exige uma atenção crítica, pois as mídias participam cotidianamente da construção de identidades e modos de vida. Contudo, o ambiente digital também possibilita a circulação de novos discursos que permitem a reinterpretação do ideal de *masculinidade saudável*, tensionando os padrões tradicionais<sup>34</sup>.

Não obstante, o ingresso na universidade emergiu como um espaço de ampliação das vivências sociais, marcado tanto por oportunidades de experimentação quanto pela reprodução de padrões já conhecidos. Esse contexto favorece encontros, amplia redes de interação e possibilita novas formas de se relacionar, ao mesmo tempo em que mantém dinâmicas que reforçam expectativas e desigualdades de gênero, influenciando as experiências afetivo-sexuais dos jovens.

*Nas festas como é um ambiente mais propício, a galera tá mais na intenção, tem as bebidas, vários jovens reunidos, todo mundo solteiro e acaba rolando com mais facilidade essas coisas casuais. (P 2)*

*Entrar na universidade pra mim foi um fator muito importante, porque a gente amadurece muito, tem as calouradas que pode fazer pontes pra você conhecer novas pessoas. E isso, em si só, facilita ali um relacionamento íntimo. (P 6)*

*Embora muita gente não admita, existe um comportamento muito tóxico dentro das universidades, principalmente em relação aos homens, existe uma suavização dos comportamentos masculinos. Quando fala das mulheres o contexto muda, difamam elas, é uma masculinidade tóxica. (P 3)*

A universidade configura-se como uma arena dinâmica de transição para a autonomia, onde a socialização e a busca pela experiência universitária plena permitem aos jovens explorar múltiplas masculinidades e reconfigurar normas de gênero conforme o contexto<sup>5,35</sup>. Contudo, esse espaço de liberdade também abriga tensões, nas quais a interação entre pares pode reforçar a heteronormatividade e pactos de cumplicidade que suavizam condutas masculinas em detrimento das femininas ou não-heterossexuais<sup>5-6,35-36</sup>. Assim, embora oportunize novas expressões de si, o ambiente acadêmico frequentemente reatualiza estereótipos tradicionais, demonstrando que o ingresso no ensino superior não assegura, por si só, a ruptura com modelos hegemônicos<sup>6</sup>.

É evidente que as normas culturais influenciam diretamente os comportamentos dos jovens universitários em suas relações, seja pela família, religião, território, amizades, vivências universitárias ou mídias, moldando expectativas e formas de agir nos relacionamentos. Esses referenciais orientam tanto práticas cotidianas quanto atitudes mais íntimas,

revelando como as identidades são construídas em meio a pressões, cobranças e aprendizados transmitidos por diferentes espaços sociais.

### **Limitações do estudo**

As limitações deste estudo concentram-se na composição do grupo, embora a saturação teórica tenha sido atingida e a amostra contemple diversidade de orientações sexuais, observou-se uma homogeneidade quanto à identidade de gênero, sendo composta exclusivamente por homens cisgêneros. A ausência de homens trans ou pessoas com identidades não-binárias restringe a compreensão de como a masculinidade é performada fora da matriz cisnormativa.

Além disso, embora os participantes apresentassem diferentes pertencimentos raciais, as questões étnico-raciais não emergiram de forma expressiva nas narrativas, limitando aprofundamentos acerca das intersecções entre raça, masculinidades e relacionamentos íntimos.

Ademais, o vínculo exclusivo dos participantes a cursos da área da saúde em uma única instituição pública pode refletir vieses de formação específicos. Recomenda-se, portanto, que investigações futuras explorem cenários socioculturais diversificados e identidades de gênero plurais para ampliar o entendimento sobre as masculinidades contemporâneas.

### **CONCLUSÃO**

Nesse sentido, os achados apresentados neste artigo correspondem a um recorte analítico que privilegia a dimensão dos roteiros socioculturais, sem desconsiderar sua articulação com os roteiros interpessoais e intrapsíquicos. Assim, tornou-se evidente que os comportamentos dos jovens universitários em seus relacionamentos íntimos são atravessados por múltiplas influências socioculturais, dialogando com os pressupostos da Teoria dos Roteiros Sexuais. As narrativas revelam que normas, valores e expectativas socialmente compartilhados orientam, em diferentes níveis, as formas como esses jovens percebem, vivenciam e significam suas experiências afetivo-sexuais, sem que tais influências operem de maneira homogênea ou determinista.

A família destacou-se como um dos principais espaços de socialização dessas normas, sobretudo no que se refere à construção das masculinidades. A presença ou ausência da figura paterna, assim como a atuação materna e de outros familiares, foi descrita como relevante na transmissão de valores. No entanto, esses referenciais apareceram de modo ambivalente, sendo ora incorporados como modelos orientadores, ora questionados e rejeitados, evidenciando processos de negociação e resignificação ao longo das trajetórias dos jovens.

Para além do núcleo familiar, outros contextos sociais exerceram influência significativa sobre os comportamentos masculinos nos relacionamentos íntimos. As interações com amigos, as vivências escolares e universitárias, especialmente em contextos territoriais marcados por forte controle social e conservadorismo. Tais experiências contribuíram tanto para a reprodução de expectativas hegemônicas quanto para o surgimento de conflitos, inseguranças e tensões no modo como os jovens se posicionam afetivamente.

A religião e a mídia também emergiram como instâncias normativas relevantes, ao reproduzirem valores heteronormativos e moralizantes que regulam comportamentos e delimitam possibilidades de expressão da sexualidade. Esses discursos mostraram-se especialmente tensionadores para jovens homossexuais e bissexuais, ao reforçarem estigmas, discriminações e sentimentos de inadequação, impactando a saúde emocional e as vivências nos relacionamentos íntimos. Nesse sentido, a orientação sexual interagiu com normas socioculturais mais amplas, produzindo vulnerabilidades específicas.

Apesar da força desses referenciais tradicionais, os achados indicam que alguns jovens não se posicionam de forma passiva diante das normas socioculturais. As narrativas evidenciaram movimentos de reflexão, questionamento e resignificação, sobretudo em contextos que ampliam o contato com a diversidade. Observa-se, assim, a coexistência de permanências de modelos hegemônicos de masculinidade com tentativas de construção de relações mais pautadas na afetividade, no diálogo e na autonomia, indicando que a construção das masculinidades se dá em um processo contínuo, marcado por tensões, negociações e transformações.

## REFERÊNCIAS

1. Medina ACR, Couto ACP, Machado CS, Nogueira CSN, Moreira JVF, Marivoet S. Concepts, spaces, and leisure practices from the perspective of youth. *Motriz: Rev Educ Fis*. 2022 [cited 2026 Fev 12]; 28:e10220014721. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-657420220014721>
2. Capulo S, Maldonado L, Silva Junior GM. Juventudes, a universidade é para todos? A importância do engagement estudantil no ensino superior, aspectos da realidade para a não evasão. *Rev Observatorio Econ Latinoam*. 2024 [cited 2026 Jan 16]; 22(7):1-14. Available from: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5761/3688>
3. Butler J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Aguiar R, tradutor. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
4. Connell RW. *Masculinidades*. 2ª ed. Cambridge: Polity Press; 2005.
5. Khumalo S, Mabaso M, Makusha T, Taylor M. Intersections Between Masculinities and Sexual Behaviors Among Young Men at the University of KwaZulu-Natal, South Africa. *Sage Open*. 2021 [cited 2026 Fev 20]; 11(3). DOI: <https://doi.org/10.1177/21582440211040114>
6. Franco BEC, Parra JAC. Masculinity in Universities: State of the Art. *Masculinities and Social Change*. 2021 [cited 2026 Jan 17]; 10(1):77-108. DOI: <https://doi.org/10.17583/MCS.2021.5487>
7. Mgopa LR, Rosser BRS, Ross MW, Lukumay GG, Mohammed I, Massae AF, *et al*. Cultural and clinical challenges in sexual health care provision to men who have sex with men in Tanzania: a qualitative study of health professionals' experiences and health students' perspectives. *BMC Public Health*. 2021 [cited 2026 Fev 20]; 21:713. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10696-x>
8. Lantiere AE, Rojas MA, Bisson C, Fitch E, Woodward A, Stevenson EL. Men's Involvement in Sexual and Reproductive Health Care and Decision Making in the Philippines: A Systematic Review of the Literature. *American Journal of Men's Health*. 2022 [cited 2026 Fev 12]; 16(4). DOI: <https://doi.org/10.1177/15579883221106052>
9. Gagnon JH, Simon W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. New Jersey: Aldine Transaction; 1973.
10. Bertaux D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Cavalcante ZAC, Lavallée DMG, tradutores. 2ª ed. São Paulo: Paulus; 2010.
11. Morosini A. Paternidade responsável: uma reflexão sociológica do abandono paterno. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. 2023 [cited 2026 mar 15]; 1(3):42-52. DOI:
12. Lima LLS, Monteiro AV. Abandono afetivo paterno: as consequências de um pai ausente na fase infante juvenil. *Contemporânea*. 2024 [cited 2026 Mar 13]; 4(11):01-16. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N11-051>
13. Duarte AF, Gonçalves APCS, Faria CB. Estilo de apego: impactos da ausência paterna no comportamento adulto. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ*. 2025 [cited 2026 Jan 26]; 11(12):585-602. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i12.23089>
14. Cleary A. Emotional constraint, father-son relationships, and men's wellbeing. *Front. Sociol*. 2022 [cited 2026 Jan 25]; 7:1-13. Doi: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2022.868005>
15. Mendonça TP, Oliveira MASL. Os impactos do abandono afetivo paterno no desenvolvimento infantil. *Rev Multidiscip Nordeste Mineiro*. 2025 [cited 2026 Mar 13]; 1: 1-22. DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v1i1.3418>
16. Oliveira MA, Cruz MA, Estrela FM, Silva AF, Magalhães JR, Gomes NP, *et al*. Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. *Acta Paul Enferm*. 2022 [cited 2026 Mar 14]; 35:1-10. DOI <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0306345>
17. Sá NN, Silva LTP, Szyllit R. Masculinidades e o contexto dos cuidados paliativos pediátricos: uma perspectiva de gênero. In: Souza RM, Maciel Jr PA, Defendi EL, organizadores. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*. São Paulo: EDUC; 2022. p. 88-101.
18. Merdassa AB. Traditional masculinity, peer pressure, and sensation seeking as correlates of risky behaviours. *Int J Adolesce Youth*. 2024 [cited 2026 Fev 12]; 29(1). DOI: <https://doi.org/10.1080/02673843.2023.2298087>
19. Zarling A, Berta M, White A. Psychological flexibility, traditional masculinity ideology, and parenting among fathers in IPV intervention programs. *Fam Process*. 2025 [cited 2026 Fev 12]; 64(4). DOI: <https://doi.org/10.1111/famp.70095>
20. Defendi EL. Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In: Souza RM, Maciel Jr PA, Defendi EL, organizadores. *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*. São Paulo: EDUC; 2022. p. 65-76.
21. Oliveira KS, Nóbrega PRC. "Resistir para existir": conservadorismo, gênero e sexualidade no contexto educacional. *Educ Form*. 2025 [cited 2026 Mar 13]; 10:e14015. DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v10.e14015>
22. Bogéa AF, Nunes IML. Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escola. *Civitas*. 2022 [cited Fev 22]; 22:1-12. doi:10.15448/1984-7289.2022.1.41072. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41072>
23. Kislev N, Saguy T. Parents' aversion to the possibility of having a gay or lesbian child predicts gendered parenting. *PLoS One*. 2025 [cited 2026 Jan 24]; 20(12). DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0338209>

24. Huang Y, Liang J, Huang G, Liu J, Zhu D, Liu J, Hu J. The impact of father-son relationship on suicidal ideation in Chinese gay and bisexual men: the mediating role of masculinity and self-esteem. *BMC Psychol.* 2025 [cited 2026 Feb 12]; 13(1):1387. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-03709-6>
25. Amaral MM, Bock AMB. Significações de jovens gays ricos e pobres sobre a masculinidade na escola. *Olhares.* 2021 [cited 2026 Feb 25]; 9(2):176–196. Available from: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11103/8656>
26. Mogano NTH, Letsoalo DL, Oduaran CA. Effects of masculine culture on the mental health of Northern Sotho male youth. *BMC Psychol.* 2025 [cited 2026 Feb 25]; 13(1). DOI: <https://doi.org/10.1186/s40359-025-02934-3>
27. Pedreira AG, Santos AS, Carminati A. Vozes da diversidade: perspectivas sobre a homossexualidade através das experiências pessoais. *Rev Ibero-Am Hum Ciênc Educ.* 2024 [cited 2026 Feb 23]; 10(6):1758-70. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14493>
28. Semi BE. University students' perspectives on sexual orientations. *Athens J Soc Sci.* 2024 [cited 2026 Feb 23]; 11(3):201-220. DOI: <https://doi.org/10.30958/ajss.11-3-4>
29. Gueiro JEC, Brasilino JCB. Educação e masculinidades: a escola como território de (re)produção de sentidos sobre gênero. *Rev Observatorio Econ Latinoam.* 2025 [cited 2026 Jan 27]; 23(4):1-6. DOI: <https://doi.org/10.55905/oelv23n4-174>
30. Albuquerque PP, Souza DAA. “Relembrando os tempos de escola”: A homofobia na perspectiva de estudantes universitários. *Rev Psicol.* 2022 [cited 2026 Jan 14]; 13(1):17-29. Available from: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/64145>
31. Costa MIL, Rocha AP, Jerónimo MAD, Gaspar P, Luz AMB, Moleiro P. Religiousness and sexual behaviors in young. *Braz J Health Rev.* 2023 [cited 2026 Feb 03]; 6(5):22986-99. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-320>
32. Thelma CC. Cultural factors contributing to gender-based violence in Zambian societies. *World J Adv Res Rev.* 2024 [cited 2026 Feb 16]; 22(2):123-38. DOI: <https://doi.org/10.30574/wjarr.2024.22.2.1368>
33. Santos GSD, Alexandre AKA, Rocha JS, Costa LVP, Sales MGG, Evangelista MLG, *et al.* A representação homoafetiva masculina na mídia contemporânea: Um panorama sobre visibilidade, estereótipo e Impacto Social. *Interference: J Audio Cult.* 2025 [cited 2026 Feb 23]; 11(2):1457-91. DOI: <https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p1457-1491>
34. Denkin BL, Balieiro F de F. Masculinidades e aconselhamento nas mídias digitais: subjetivação e empreendedorismo de si em páginas do Instagram. *Sex, Salud Soc (Rio J).* 2023 [cited 2026 Feb 22] ;(39):e22308. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22308.a.pt>
35. Thorpe S, Kuperberg A. Social motivations for college hookups. *Sex Cult.* 2021 [cited 2026 Feb 22]; 25(2):623-45. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09786-6>
36. Irigaray HAR, Langerhorst AV, Adorno D. Vida universitária nos cursos de administração: jogos vorazes ou os melhores anos de nossas vidas?. *REAd Rev eletrôn adm (Porto Alegre)* [Internet]. 2021 [cited 2026 Mar 12];27(2):375–99. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.318.103971>